

A VIOLA CAIPIRA COMO INSTRUMENTO MUSICALIZADOR: (RE/I)NOVAÇÃO E/OU MANUTENÇÃO DA CARGA CULTURAL A ELA ATRELADA?

THE VIOLA CAIPIRA AS MUSICALIZADOR INSTRUMENT: RENEWAL AND/OR THE MAINTENANCE OF CULTURAL HERITAGE LINKED TO IT?

Leandro Drumond Marinho
Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
ledmarinho@hotmail.com

Resumo

A presente comunicação é o resultado de uma experiência vivenciada por um professor/investigador junto a um projeto que ensina Música, por meio da viola caipira, a alunos de uma Escola Municipal da zona rural de São João del-Rei, em Minas Gerais. Trata-se de reflexões que surgiram a partir do entrelaçamento do que foi vivido e observado em campo com o que foi interpretado sobre alguns pensamentos de Hans-joachim Koellreutter. Em forma de questionamentos é que o movimento reflexivo flui quase que sem direção, uma vez que não almeja dar as respostas, mas sim, colocar lenha na fogueira que já está acesa e assim convidá-lo a pensar sobre o processo de ensino-aprendizagem em tela.

Palavras-Chave: Viola caipira; Carga cultural; Instrumento musicalizador; Hans-joachim Koellreutter; Manutenção; Renovação; Inovação.

Abstract

This paper is the result of an educational music project led by the researcher that aims to teach viola caipira to students from a public school at the rural area of São João del Rey, Minas Gerais- Brazil. It talks about the reflections originated from the entanglement of what was lived and observed in the field with what was interpreted according to Hans-joachim Koellreutter's thoughts. The questioning narrative is the main approach since it does not intend to give answers, but rather, light up the fire that is already lit and thus invite you to think about the teaching-learning process in screen.

Keywords: Viola Caipira; rural area; musicalizador instrument.

Lista de figuras

Figura 1: Vila de Emboabas

Fonte: arquivo do autor

Figura 2: A Praça e a Igreja de São Francisco de Assis

Fonte: arquivo da Escola Municipal de Emboabas

Figura 3: Escola Municipal de Emboabas

Fonte: arquivo do autor

Figura 4: Os instrumentos do Projeto

Fonte: arquivo do autor

Figura 5: Aula no pátio da Escola

Fonte: *print screen* da reportagem da TVUFSJ¹

Figura 6: Wu-li

Fonte: BRITO, 2015, p. 90

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CSqWjp_wVwNY, acesso em 09/09/2016.

Prelúdio

As reflexões que deram origem à presente comunicação pairam sobre uma investigação etnográfica em andamento², realizada junto ao Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, oportunidade em que aulas de viola caipira na Escola Municipal de Emboabas, zona rural de São João del-Rei/MG, vêm sendo por mim observadas.

O Distrito de Emboabas, formado pelos povoados de Montividio, Cananéia, Lages, Pontos dos Resendes, Morro Grande e a Vila de Emboabas, onde está localizada a Escola Municipal de Emboabas³, fica a aproximadamente trinta e cinco quilômetros de estrada de terra do município a que pertence, São João del-Rei.



Figura 1 – Vila de Emboabas
Fonte: arquivo do autor

Um dos lugares mais antigos de Minas, o pequeno lugarejo que já foi conhecido como *São Francisco do Onça* é cenário típico mineiro, com belas paisagens, plantações de feijão, arroz, eucalipto e principalmente de milho e soja. A título de exemplo, cito a capela que fica no centro do vilarejo, dedicada a São Francisco de Assis, que foi erigida por provisão de 13 de janeiro de 1727⁴.

² Intitulada Educação Musical como Cultura: a viola caipira no Distrito de Emboabas.

³ Informações extraídas do censo realizado em 2012 pela professora do 7º ano, Srª. Lucy.

⁴ Foi benta a 8 de abril de 1728, pelo Revd. Dr. Manoel da Rosa Coutinho, Cônego Trindade. (disponível em: <http://diocesedeSaoJoaoDelRei.com.br/parouquia-de-sao-francisco-de-assis-de-emboabas/>, acesso em 23/07/2016).



Figura 2 – A Praça e a Igreja de São Francisco de Assis
Fonte: arquivo da Escola Municipal de Emboabas

A cem metros da Igreja de São Francisco de Assis está nosso locus de investigação, a atual Escola Municipal de Emboabas, que até 1998 pertencia à rede Estadual de Ensino, tendo sido municipalizada através da Portaria de Municipalização da SEE nº 9205/98 MG, de 28/02/1998. A Escola atende prioritariamente a alunos na faixa etária correspondente à Educação Infantil I e II, alunos de 04 (quatro) e 05 (cinco) anos completos e o Ensino Fundamental de 09 (nove) anos, normatizado pelo Decreto Municipal nº 3620/08, conforme dados extraídos do Histórico do Projeto Político Pedagógico revisto em 08/08/2011 pelo órgão responsável, a Secretaria Municipal de Educação de São João del-Rei. Segundo dados extraídos do Histórico do Regimento Escolar, em 2006 é que foi construída a atual Escola Municipal de Emboabas, local onde teve início o *Projeto Viola na Escola*.



Figura 3 – Escola Municipal de Emboabas
Fonte: arquivo do autor

Projeto de iniciativa do *Instituto Chico Lobo*⁵ que, por meio de uma parceria com a UFSJ e com a Administração Pública Municipal, vem fomentando o ensino da viola caipira em escolas de Distritos rurais. Em Emboabas, iniciou em maio de 2014, com aulas semanais, às quintas-feiras, de 12 às 16 h, em parceria com o *Programa Mais Educação*⁶. Cerca de 30 (trinta) alunos na faixa etária entre 10 e 15 anos participam do Projeto *Viola na Escola*, sendo que o estudo se dá no contraturno escolar, numa perspectiva de Educação Integral em Tempo Integral, onde outras atividades extra-curriculares⁷ lhes são oferecidas. Quanto à mão de obra intelectual, ou seja, os professores de viola caipira, são alunos e ex-alunos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São João del-Rei que, apesar de não terem formação específica no citado instrumento musical, o utilizam em seus fazeres musicais. Atualmente o projeto conta com dois professores, sendo um egresso com formação em violão e o outro que ainda está cursando Educação Musical.



Figura 4 – os instrumentos do Projeto
Fonte: arquivo do autor

⁵ “Preocupado com a valorização, divulgação da cultura regional e da viola caipira, Chico Lobo fundou em sua cidade natal, em 2013: o Instituto Sócio-Cultural Chico Lobo. Que já começa a dar frutos em 2014, numa parceria junto a Secretaria de Educação e a Universidade de São João Del Rei. Com o início do ensino de viola caipira e cultura regional em duas escolas da zona rural da região. Para tanto foram adquiridas 18 violas, para as aulas. Trabalho que realiza um desejo antigo e alegra o coração deste artista tão obstinado na valorização desta cultura raiz.” (disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Lobo, acesso em 05/09/2016).

⁶ O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. (Informações disponíveis no site do Ministério da Educação: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao>, acesso em 10.06.2016).

⁷ Capoeira, Xadrez, Atividades Ambientais (ex: horta comunitária), Reforço Escolar, dentre outras.



Figura 5 – aula no pátio da Escola

Fonte: *print screen* da reportagem da TVUFSJ⁸

A viola caipira neste processo de ensino-aprendizagem pode ser considerada um *instrumento musicalizador*, uma vez que ao proporcionar aos alunos um primeiro contato instrumentístico, parte de uma vivência prática distinta da sistematização teórica, ditada por pautas, pentagramas, sinais e símbolos, que muitas vezes engessam ou até mesmo bloqueiam o fazer musical quando apresentada precocemente. Aguçar e aprimorar a percepção auditiva e espacial, a imaginação, a coordenação motora, a memorização, a socialização, a expressividade dos jovens violeiros é missão precípua nesta fase do aprendizado musical, onde a exploração, a imitação e criação são fontes genuínas de atração e interesse pela música e pela viola caipira.

Diante deste cenário é que vimos problematizar, a partir do entrelaçamento entre a prática encontrada em campo e uma interpretação feita sobre um recorte do referencial teórico musical adotado na citada pesquisa de Mestrado em andamento, qual seja, o pensamento de Hans-joachim Koellreutter, refletimos sobre quais linguagens musicais deveriam ser contempladas no processo de ensino-aprendizagem da viola caipira na Escola Municipal de Emboabas, uma vez que junto ao referido instrumento musical toda uma carga cultural a ele atrelada sugere a manutenção de gêneros e subgêneros de estilos musicais oriundos das manifestações culturais brasileiras nas quais está inserido, bem como, o cateretê, o cururu, a folia de reis, o congado e demais substratos da denominada música caipira, inclusive a música instrumental realizada na viola de dez cordas. Já a pedagogia de Koellreutter, sugere que o processo educacional da música deva ser um meio de acesso às diversas linguagens já constituídas no mundo, incluindo as mais exóticas, com o objetivo de dar ferramentas aos

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CSqUJp_wVwNY, acesso em 09/09/2016.

que da música se servirão na contemporaneidade, visando fomentar a renovação e inovação musical. A partir destas duas perspectivas, quais sejam, de manutenção ou (re/i)novação musical, é que refletimos e convidamos a refletir também sobre uma terceira, que não enfatiza a manutenção de saberes musicais, nem a busca por (re/i)novação musical, mas utiliza ambas em prol da busca pela formação global, integral e multidimensional dos sujeitos envolvidos. Os aspectos estéticos, teóricos, estruturais do som, analíticos do som, provenientes de cada nicho de gêneros, estilos e sistemas musicais deveria ocupar planos de fundo nos momentos iniciais do processo de aprendizagem musical, que é ou pelo menos deveria ser, a musicalização. A sistematização, para tal perspectiva, teria maior importância após uma boa vivência e experiência musical, que já tivesse proporcionado saberes ou pelo menos a noção acerca da multiplicidade de linguagens musicais passíveis de serem exploradas.

A prática encontrada em campo

A partir de minhas experiências é que teço tais comentários, uma vez que o que aqui foi denominado de prática é mais precisamente a soma entre o que vi, li, escrevi, senti e refleti, tanto como professor de viola do Projeto quanto como pesquisador.

O ensino de Música, por meio da viola caipira, na Escola Municipal de Emboabas é algo novo e que não tem precedentes na citada instituição. No que diz respeito à presença do instrumento em manifestações culturais locais, especificamente na Vila de Emboabas, nada foi encontrado. Sabe-se de grupos de folias de reis e de congado em regiões próximas, porém, no lugarejo não foi encontrado registros ou memórias de algum violeiro. As canções mais conhecidas dos sertanejos e habitantes do campo em Minas Gerais, também fazem parte do repertório das pessoas do Distrito de Emboabas e das crianças/adolescentes do projeto, bem como, Chico Mineiro, Menino da Porteira, Luar do Sertão, Asa Branca, etc. Contudo, a música caipira em Emboabas divide atualmente espaço com outros gêneros musicais mais difundidos midiaticamente, como o *funk*, o *pagode*, o *rap*, dentre outros, que já caíram no gosto musical das crianças do vilarejo. É importante demonstrar tal cenário, com o objetivo de não romantizarmos o ensino de música, através da viola caipira, em Emboabas, uma vez que não se

trata de um lugar cujas tradições culturais são a do fazer musical com a utilização do instrumento em evidência, mas que se ligam à música caipira através da apreciação e transmissão oral. Cito a fala de um aluno, ainda nas primeiras aulas em 2014, que ao ser questionado por que gostaria de aprender a tocar viola, respondeu: “*porque um dia quero tocar a música Chico Mineiro pra minha vó(...) porque ela fica sempre cantando essa música*”.

Em Emboabas, o ensino do instrumento se dá de forma planejada e estruturada, uma vez que os professores são licenciados em música e que as aulas acontecem dentro de uma instituição de ensino. Em que pese o termo *ensino institucionalizado* sugerir todo um aparato didático-pedagógico, quando o assunto é o ensino da viola caipira, a realidade se mostra um tanto diferente, uma vez que os materiais didáticos, as transcrições, os métodos e literaturas correlatas são ainda escassos e sua criação e construção ainda são bastante tímidas. Os esforços por hora levantados ainda são insuficientes face à demanda e possibilidades de estudo da mesma. Isso faz com que, muitas vezes, os estudiosos e professores de viola caipira busquem técnicas, exercícios, metodologias e ideias do ensino do violão, do alaúde e de outros instrumentos de corda semelhantes.

Sob uma perspectiva sócio-cultural, aprender o *catira* em Torrinha no Estado de São Paulo, onde o gênero é culturalmente difundido, é bem diferente de aprendê-lo nas aulas de viola da Escola de Emboabas, pois, enquanto para um jovem de Torrinha o processo se dá desde sua mais remota infância, com a participação de parentes em danças e cantorias, festas da comunidade, juntamente com outros elementos correlacionados, a exemplo, a culinária, o clima, a religião, os festivais, etc, para os alunos do Projeto “Viola na Escola” de Emboabas, o processo de ensino-aprendizagem do *catira* muitas vezes parte de um primeiro contato, já em fase mais adiantada da adolescência e cujo contexto não está embebido de tal manifestação cultural. Em Emboabas não há tradição cultural do *catira*, contudo, conhecer tal gênero é de certa maneira uma das formas de se reviver a história do processo de culturação brasileiro. É proporcionar aos alunos, não somente a expansão do repertório linguístico musical, como, também, a oportunidade de se identificarem em algo mais, que os façam perceber os lugares tão complexos e extensos, que são Emboabas - Minas-Gerais - e o Brasil.

Obsta ressaltar que antes mesmo de apresentar os diversos ritmos em que a Música Caipira está inserida, nas aulas em Emboabas os alunos passam por uma primeira etapa de exploração do instrumento, onde atividades de imitação, jogos e brincadeiras é que conduzem a assuntos relacionados ao nome das cordas, às diferenças entre o violão e a viola, aos tipos de afinação, aos cuidados com o instrumento, as questões posturais e um pouco da história da viola caipira no Brasil. Lembramos aqui que a afinação escolhida foi a Cebolão em Ré Maior, uma vez que é bastante difundida na região e por se tratar de uma afinação aberta, onde o primeiro grau do campo harmônico maior está disponível sem mesmo ter que pressionar algum dedo da mão esquerda, o que facilita muito o aprendizado em um primeiro contato com o instrumento. Nessa primeira fase também são realizadas atividades de percepção musical, visando aguçar a percepção dos alunos para o pulso e outros elementos do som, bem como timbre, intensidade e altura.

O segundo passo tem sido introduzir alguns movimentos básicos para a mão direita que auxiliam na execução de ritmos típicos do repertório tradicional caipira, como por exemplo: polegar para baixo, polegar para cima, indicador para baixo ou para cima, abafamento das cordas e rasqueados. Quanto à introdução harmônica, partiu-se de metodologias do ensino do violão onde os primeiros acordes são formados com apenas dois dedos da mão esquerda, o indicador e o médio. Com o dedo indicador pressionado no terceiro par de cordas na primeira casa e o dedo médio no quarto par da segunda casa, forma-se o acorde dominante da tonalidade de Ré Maior, em que pese o mesmo estar recheado com a décima primeira. Com o acorde de Ré Maior aberto e o da dominante com apenas dois dedos, canções folclóricas e trechos de músicas conhecidas, tais como, o cravo brigou com a rosa, meu limão meu limoeiro, borboletinha, brilha brilha estrelinha, cuitelinho, vão sendo tocadas com o intuito de despertar a percepção auditiva para as funções tonais de tensão e relaxamento. Oportunidade em que também vão sendo apresentados alguns ritmos, inicialmente o cururu, a toada, o baião, a guarânia e o fox-country. Em seguida, com o objetivo de introduzir o acorde da subdominante e assim ampliar enormemente o repertório a ser aprendido, parte-se do acorde da dominante citado acima, subindo o dedo médio do quarto para o quinto par de cordas, ou seja, um movimento bastante simples que exige a mudança de apenas um dedo na mesma casa do braço

da viola, em que pese o acorde da subdominante estar recheado da nona e tratar-se de uma inversão. Nesta etapa é que se começa a introduzir alguns códigos utilizados nas canções populares, que são as cifras, basicamente: D, G e A (Ré, Sol e Lá, todos maiores). Com tais acordes, pode-se explorar duas tonalidades, a de Ré Maior, com a utilização da subdominante ou a de Sol Maior, usando apenas tônica e dominante. As canções mais trabalhadas dentro deste contexto são: Cuitelinho, Chalana, Chico Mineiro, Asa Branca, Menino da Porteira e Saudades de Minha Terra.

Quanto ao universo modal tão presente em músicas que se utiliza da viola caipira, merece comentar sobre o cateretê, uma vez que incita o modo mixolídio, potencializando assim uma natureza modal implícita no instrumento viola caipira. O núcleo modal gira em torno de Ré, enquanto parte dos alunos segura o dedo anelar no segundo par de cordas na terceira casa do braço da viola, realizando também o ritmo do cateretê com a mão direita; os demais exploram ponteios no primeiro par de cordas, geralmente nas casas 0, 2, 4, 5, 7, 9, 10 e 12. A mesma brincadeira também é feita com o *baião*, e a introdução de Asa Branca é sem dúvida uma das preferências dos alunos. Outro modo estudado durante as aulas que observei foi o lídio, que apenas com o dedo indicador no terceiro par de cordas da segunda casa proporciona as cores típicas do modo lídio, com núcleo modal em Ré devido à afinação aberta, Cebolão em Ré. O ritmo geralmente é livre, acompanhado de uma nota pedal no quarto par de cordas solto, enquanto parte dos alunos exploram ponteios no primeiro par de cordas, geralmente nas casas 0, 2, 4, 6, 7, 9, 11 e 12.

Aos alunos que estão no Projeto desde seu início em 2014, as escalas duetadas, no terceiro e quarto par de cordas e no primeiro e terceiro par, já foram estudadas, comentadas, exercitadas e juntamente com alguns solos de canções que as utilizam, como por exemplo o da música *Chico Mineiro*, vêm se firmando no fazer musical dos jovens violeiros. Alguns exercícios de dedilhado para a mão direita, visando a soltura dos dedos também já foram conteúdo das aulas deste grupo de alunos, juntamente com outros ritmos mais complexos, como é o caso do pagode de viola. Exercícios de digitação para a mão esquerda, acordes utilizando três e quatro dedos, mais acordes maiores e alguns menores (ex: Em, Bm, F#m, C, E), inclusive com pestanas.

Importante salientar que a breve tentativa de descrição realizada acima tem o intuito exclusivo de trazer elementos para que o leitor possa enriquecer suas reflexões acerca da problematização ora pretendida, qual seja, a de questionar se no citado processo de ensino-aprendizagem musical, nas aulas de viola caipira da Escola Municipal de Emboabas, o fomento pela manutenção do que já foi consolidado com a viola caipira no cenário cultural brasileiro é o que merece ser enfatizado? Ou se a partir de uma tentativa de (re/i)novação musical através da viola caipira é que a Música seria efetiva em compor a formação dos alunos? Ou ainda, se nem por um ou outro caminho, de forma excludente, mas a partir dos dois e com foco na formação global, integral e multidimensional dos sujeitos, através do ensino de Música e não de um instrumento musical? Penso que seria possível conjecturar novas hipóteses sobre o assunto se estendêssemos as relações entre a mencionada ‘prática encontrada em campo’ e uma interpretação sobre o ‘pensamento de Koellreutter’, que será brevemente apresentada no subtítulo seguinte, contudo, a experiência que vivenciei ao observar as aulas de viola caipira na Escola Municipal de Emboabas, me conduziu ao pensamento de que há uma tendência em se fomentar a manutenção do que já foi consolidado com a viola caipira no cenário cultural brasileiro. Exceto quanto à utilização de algumas canções que não estão atreladas culturalmente à viola caipira, como por exemplo, borboletinha, pirulito que bate-bate, o cravo brigou com a rosa e a criação e composição da canção *Menino do Campo*.

Música que teve início através de *sugestões temáticas* dadas pelos professores aos alunos do *Projeto*, sobre o *quê* de Música poderia ser estudado pelos alunos que esperam fora da sala de Música o horário de suas respectivas turmas, pois o número máximo de alunos por turma não pode exceder o número de nove violas. Os demais alunos do Projeto ficam pela Escola realizando outras atividades, bem como, jogando bola, queimada, peteca, dentre outras brincadeiras, enquanto aguardam o horário de suas aulas de viola. Quanto às *sugestões temáticas* dadas foram: — Apreciação musical de gêneros e sistemas musicais exóticos; — canto coral; criação e composição musical; — teoria (notação musical formal, harmonia); — e história da música. A decisão foi unânime quanto à escolha de “criação e composição musical”, que culminou na canção *Menino do Campo*, cuja letra surgiu a partir de versos escritos pelos próprios alunos e quanto à melodia, arranjo e prosódia, dei minha contribuição. No dia em que foi criada a letra

da música *Menino do Campo*, os alunos formaram duplas e com uma folha A4 em branco, lápis e caneta, saíram pela Escola na tentativa de escrever, descrever, desenhar, poetizar ou manifestar livremente naquela folha o que representava a viola caipira, aquele processo de estudo de Música e todos os sentidos e emoções correlacionados que viessem à tona naquele momento. Frases, desenhos, comentários, tentativas de rimas e muitas risadas, esculpiram a letra da canção. Os alunos já a estão cantando de cór, com sentimento de propriedade e identidade, apesar do arranjo ainda estar em amadurecimento e que ainda está ganhando novas feições e cuidados. O solo da introdução, que também serve de interlúdio para algumas partes da canção, também já está sendo estudado por alguns alunos mais antigos, enquanto os alunos que iniciaram em 2016 formaram um coral para participarem da execução em grupo da mesma. A expectativa é que se faça o registro em áudio da canção até o final do corrente ano. Segue abaixo a letra cifrada nos moldes do arranjo atual, com o objetivo de explicitar a voz dos sujeitos da pesquisa na qual estou debruçado.

Menino do Campo

Emboabas 02 de junho de 2016

Introdução: (Instrumental: D - A7)

D
Acordo bem cedo,
G A
para aprender...
A D
Amigos, Escola,
A D (A7 - D)
eu quero crescer...

- Entrada do ritmo **cururu**

D
Sou mineiro de Minas Gerais,
G A
sou menino do campo...
A D
Moda de viola,
A D (A7) - (solo : D// A7// - D/ A7/)
é o nosso encanto...

D
Nossa estrada tem puêra,
G A
nossa Escola Capuêra...
A D
Tem dança, comida, viola,
A D (A7 - D - palmas)
e folia a noite intêra...

D
A siriema do mato,
G A
igual rato correndo de gato...
A D
Corre e canta, pra valê,

A D (bichos noturnos: A7 - D)
que já vai anoitecê...
D
Escola de Emboabas,
G A
minha casa, meu viver... (2x)
A D
Aqui aprendi viola,
A D (solo)
a ler e escrever...

D
Viola minha viola,
G A
que na horta aprendi tocar...
A D
O sol costuma imbora,
A D (palmas)
depois que a boiada passá...

D
Passa boi, passa boiada,
G A
só num passa capivara...
A D
Tá quetinha na lagoa,
A D
come, come, qui num pára...

D
Escola de Emboabas,
G A
minha casa, meu viver...
A D
Um dia vou-me embora,
A D
no meu peito vai você...
A D
Um dia vou-me embora,
A D
no meu peito vai você...

- Fade out: repetindo a frase "um dia ..."

Dito isto e com o intuito de contrastar tal realidade, qual seja, a da “prática encontrada em campo”, é que passamos a apresentar algumas falas e pensamentos do alemão Hans-joachim Koellreutter, no sentido de se sugerir a invenção do novo como elemento norteador do processo de ensino-aprendizagem da Música, em contraponto à manutenção e fomento exclusivo da cultura raiz, regional, cuja carga cultural está atrelada ao instrumento viola caipira no Brasil.

(Re/i)novando os saberes musicais

“Aprendo com o aluno o que ensinar. São três preceitos:

- 1) não há valores absolutos, só relativos;
- 2) não há coisa errada em arte; o importante é inventar o novo;
- 3) não acredite em nada que o professor disser, em nada que você ler e em nada que você pensar; pergunte sempre o por quê.”

(KOELLREUTTER apud FOLHA DE S.PAULO, 2005)

O segundo preceito mencionado na epígrafe é o que interessa diretamente às reflexões sugeridas no presente texto, pois ao comentar que “o importante é inventar o novo”, me leva a questionar: o que determina o que é novo? É possível inovar? O que difere renovar de inovar? Grosso modo, inovar seria o ato de criar coisas novas, novidades, enquanto renovar seria a ação de fazer com que algo fique como novo ou a transformação em novo. Divagações e reflexões que entrelaçaram a ‘prática encontrada em campo’ com as abstrações teóricas, os pensamentos e falas de Hans-joachim Koellreutter⁹. Sobre o referido autor, Carlos Kater, pesquisador referência no Brasil, afirma que

discorrer sobre Koellreutter sem tratar a Música Viva – o movimento musical e formador, o grupo de compositores, os concertos e tantas realizações mais – seria abrir mão de

⁹ Nascido em Freiburg na Alemanha, a 02 de setembro de 1915, o jovem flautista desembarcou no Brasil na cidade do Rio de Janeiro em 16 de novembro de 1937, após fugir da Alemanha por ter sido do partido comunista. Quando chegou ao Brasil, aos 22 anos de idade, já havia estudado com grandes mestres da arte musical, bem como, Gustav Scheck (flauta), C.A.Martienssen (piano), Georg Schuenemann e Max Seiffert (musicologia), Kurt Thomas (composição e regência coral), tendo ainda frequentado cursos e conferências ministrados pelo compositor Paul Hindemith e também por Hermann Scherchen (KATER, 2015).

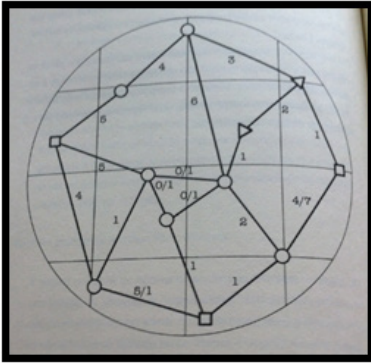
uma visão perspectívica fundamental que impossibilitaria enxergá-lo em sua real dimensão (KATER, 2015).

Não pretendo, acreditando não ser de nosso interesse direto, esmiuçar e biografar Hans-Joachim Koellreutter, todavia, concordo com Kater no sentido de que temos que ter uma mínima noção da amplitude de sua obra e das mudanças geradas por seus ensinamentos e pensamentos. A *Música Viva*, por exemplo, foi um movimento cujo termo foi cunhado pelo principal professor de Koellreutter, *Hermann Scherchen*, que acabou sendo utilizado como o nome de um periódico musical editado em Bruxelas entre os anos 1933 e 1936. O próprio Koellreutter comenta que

a Música Viva não foi fundada com o objetivo de difundir a música nova, a música moderna, a música de vanguarda, entre nós... Foi um grupo de colegas meus que se juntou para difundir todo o tipo de música pouco conhecida” (KOELLREUTTER, 2000).

Nessa perspectiva de mudanças paradigmáticas é que contrapõe a obra musical com o que denominou de *ensaio musical*. As obras musicais são fechadas e delimitadas, tanto a título de instrumentação, quanto métrica, andamentos, dinâmicas, etc. Já no *ensaio* as diretrizes traçadas na notação musical não engessam o intérprete, e a liberdade a ele conferida proporciona execuções completamente distintas do mesmo *ensaio*. Às vezes um mesmo intérprete executa a mesma música de diferentes formas cada vez que se propõe interpretá-la. A título de exemplo, cito *Wu-ji*¹⁰ de Hans-joachim Koellreutter, cujas ideias se relacionam com a estética relativista do impreciso, do paradoxal e que é grafada em diagramas e não tradicionalmente:

¹⁰ Os algarismos ao lado das linhas de trajeto referem-se à duração das trajetórias de silêncio, pausa ou som em unidades de tempo. As entradas dos instrumentos ou vozes ocorrem a critério dos intérpretes; da mesma foram densidade ou rarefação da polifonia. Os sons de altura definida ou indefinida obedecem à tessitura dos instrumentos ou vozes respectivos, subdividida em sons graves, médios ou agudos (HANS-JOACHIM KOELLREUTTER, 2016).



UT - unidade de tempo a critério do intérprete

○ - som ou pausa de duração de uma a duas unidades de tempo

△ - som, pausa ou silêncio de quatro a oito unidades de tempo

□ - som ou silêncio de dez a vinte unidades de tempo

Wu-li é uma música experimental centrada na atuação do artista, portanto, é um *ensaio* e não uma *obra musical*. É uma composição

planimétrica, ou seja, uma maneira específica de ordenar música estruturalista, em que unidades estruturais ou *gestaltes* substituem melodia, harmonia, tempos fortes e fracos, temas e desenvolvimento. É a realização de um plano temporal (fundo), tomado isoladamente ou em relação a outros, pelo levantamento de ocorrências sonoras e musicais (HANS-JOACHIM KOELLREUTTER, 2016).

O *ensaio musical*, por exemplo, é um fazer musical que ainda não foi utilizado nas aulas de viola caipira da Escola Municipal de Emboabas e que pelo menos a princípio, sugere uma tentativa de inovação, melhor dizendo, de 'inventar o novo'. Quando Koellreutter comenta na entrevista dada à Folha, cujo trecho está mencionado na epígrafe do presente subtítulo, "não há coisa errada em arte", é justamente da perspectiva de *ensaio musical* que ele estava se referindo, uma vez que na execução de *obras musicais* já está praticamente tudo pré-estabelecido e formatado e os limites de interpretação são bastante reduzidos, fazendo com que os desvios possam ser encarados como erros. Nos ensaios musicais o que seria taxado de "erro" é visto como decisão interpretativa.

Considerando o que foi dito acima sobre a *Música Viva*, como um movimento que visou difundir todo tipo de música pouco conhecida, e sobre o *ensaio musical* como um novo paradigma do fazer musical é que apresento o pensamento Koellreuttiano sobre quais caminhos

fomentam a (re/i)novação musical, o que por ele foi denominado de ensino pré-figurativo.

ensinar a teoria musical, a harmonia e o contraponto como princípios de ordem indispensáveis e absolutos é “pós-figurativo”. Indicar caminhos para a invenção e a criação de novos princípios de ordem é “pré-figurativo”. Ensinar o que o aluno pode ler em livros ou enciclopédias é “pós-figurativo”. Levantar sempre novos problemas e levar o aluno à controvérsia e ao questionamento de tudo o que se ensina é “pré-figurativo” [...]. Ensinar composição fazendo o aluno imitar as formas tradicionais e reproduzir o estilo dos mestres do passado, mas, também, o dos mestres do presente, é “pós-figurativo”. Ensinar o aluno a criar novas formas e novos princípios de estruturação e forma é “pré-figurativo” (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2015, p. 97).

Epílogo

A partir dos comentários citados no presente texto e utilizando o jargão koellreuttiano é que interpreto o processo de ensino da Música, através da viola caipira, na Escola Municipal de Emboabas, como um ensino “pós-figurativo”, apesar de que a criação da canção *Menino do Campo* sugere uma atividade de renovação, de transformação em novo. Contudo, inovação é algo menos frequente e o “novo” que tem sido apresentado, para mim, é fruto de transformações e combinações das linguagens musicais que já foram inventadas, em sua grande maioria pelo menos. Cabe ainda ressaltar que não quero com isto dizer que, se o ensino de Música em Emboabas seguisse uma perspectiva pré-figurativa o aprendizado seria mais efetivo e o processo mais importante.

Por fim, convido-os a refletir sobre as problematizações construídas no presente texto e a pensar se a utilização da viola caipira, como instrumento musicalizador nas aulas da Escola Municipal de Emboabas, deveria ou não enveredar por caminhos “pré-figurativos”, ou se deveria transitar entre o “pré” e o “pós-figurativo”, na busca por tornar a Música mais efetiva na composição da formação global, integral e multidimensional dos estudantes.

Referências

BRITO, Teca Alencar. *Hans-joachim Koellreutter: ideias de mundo, de música, de educação*. São Paulo : Peirópolis; Edusp 2015.

FOLHA DE S. PAULO. *Professor de Tom Jobim, maestro Koellreutter morre aos 90*, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u53419.shtml>, acesso em: 09/09/2016.

HANS-JOACHIM KOELLREUTTER. In: *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hans-Joachim_Koellreutter&oldid=46369356. Acesso em: 9 set. 2016.

KATER, Carlos. *Por uma música sempre viva*, 2015. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/koellreutter/por-uma-musica-sempre-viva>, acesso em 09/09/2016.

KOELLREUTTER, Hans-joachim. *Documentário Koellreutter e a música transparente - 2000*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lh_qDqIP3I, acesso em 10.06.2016.

Sobre o autor

Mestrando em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei, sob orientação dos professores Carlos Henrique de Souza Gerken e Levindo Diniz Carvalho. Licenciado em Música/Piano pela mesma universidade. Graduado em Direito pela Universidade de Itaúna e especialista em Direito Público pelo Praetorium - Instituto de Ensino, Pesquisa e Atividade de Extensão em Direito. Atua como educador musical no ensino-aprendizagem da viola caipira em escolas municipais da zona rural de São João del-Rei. Integra o LINCE - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Cultura e Educação (PPEDU/UFSJ).

Recebido em: 10/09/2016

Aprovado em: 16/12/2016